

**“QUANDO NÓS SABEMOS QUE A HISTÓRIA PRECISA ACABAR”:
REPRESENTAÇÕES DO LUTO EM *AMOR(ES) VERDADEIRO(S)*, DE TAYLOR
JENKINS REID**

**“WHEN YOU KNOW IT HAS TO END”: REPRESENTATIONS OF GRIEF IN
ONE TRUE LOVES, BY TAYLOR JENKINS REID**

Ingrid Lara de Araújo Utzig¹

Bárbara Socorro Pires Barreto²

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo analisar as representações do luto na construção narrativa do romance *Amor(es) verdadeiro(s)* (2020) e como a perda é vivenciada pela narradora-personagem, evidenciando os conflitos internos e outros sentimentos que emergem desse processo. O luto é uma experiência universal a que todos estão sujeitos, ao mesmo tempo que é uma experiência particular, pois cada indivíduo processa a morte de forma única. O estudo será embasado a partir das teorias sobre luto, defendidas por Freud (2014); da conceituação de morte proposta por Kovács (1992); das categorias de enfrentamento do luto, apresentadas por Gonçalves e Bittar (2016) e Silva et. al. (2012); e também por meio dos conceitos de perda ambígua (Boss, 1999) e modelo do processo dual (Stroebe e Schut, 2010). A leitura aponta que a personagem vivencia um luto intenso em virtude da perda de seu cônjuge. Ela enfrenta diferentes fases do luto no decorrer de sua jornada. Portanto, o luto não é representado como um processo que tem um ponto final, mas sim por etapas de ressignificação contínua no decorrer da narrativa, perpassando por diversos conflitos e sentimentos.

Palavras-chave: Morte, Representações do luto, *Amor(es) verdadeiro(s)*, Taylor Jenkins Reid.

ABSTRACT

This article's main objective is to analyze how grief is represented in the narrative construction of the novel *One True Loves* (2020) and how the narrator-character experiences loss, how it highlights internal conflicts, and what other feelings emerge from this process. Grief is a universal experience that everyone is subject to, yet it is also a personal experience, because each individual processes death differently. The study will be based on the theories of grief defended by Freud (2014); on the

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Campus Araraquara). Docente de Língua e Literatura Inglesas da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: ingrid.utzig@ueap.edu.br

² Licenciada em Letras Português - Inglês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: barbarabarreto1168@gmail.com

conceptualization of death proposed by Kovács (1992); by the categories of coping with grief presented by Gonçalves and Bittar (2016) and Silva et al. (2012); and also through the concepts of ambiguous loss (Boss, 1999) and dual process model (Stroebe and Schut, 2010). The reading points out that the character experiences intense grief due to the loss of her husband, experiencing different stages of grief throughout her journey. Thus, grief is not represented as a process with a definitive end, but as stages of continuous resignification through the narrative, passing through various conflicts and feelings.

Keywords: death, representation of grief, One True Loves, Taylor Jenkins Reid.

Introdução

Dentre os autores que abordaram a representação da morte, é interessante destacar Edgar Allan Poe, que a retratou em inúmeros contos e, inclusive, em seu poema mais conhecido, *O Corvo* (1845); Já Liev Tolstói também deu-lhe destaque em *A Morte de Ivan Ilitch* (1886), a história de um homem que, após sofrer um acidente, vai perdendo a vida de forma gradativa; e Machado de Assis, com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), cujo narrador-personagem — que já inicia a obra falecido — se propõe a relatar suas lembranças.

De acordo com Kovács (1992), a morte, como perda, é um vínculo rompido de forma irreversível; geralmente envolve duas pessoas, a que é perdida e a que lamenta essa falta. A morte vivenciada pela pessoa que lamenta a ausência frequentemente se faz presente ao longo da construção narrativa e, em muitos casos, a morte traz consigo outros sentimentos como a tristeza, a culpa, a solidão, a melancolia e, principalmente, o luto.

Da mesma forma que diversos autores incorporaram a morte em suas narrativas, muitos se dedicaram a refletir sobre o luto. É possível mencionar a personagem Hamlet, da peça homônima de William Shakespeare, que, após o assassinato de seu pai, passa por um intenso luto. A personagem simultaneamente vivencia outros conflitos internos ao tentar se vingar de seu tio pelo assassinato de seu pai e garantir o seu lugar no trono, pois seu tio casou-se com a sua mãe, e Hamlet ainda passa pelo luto ao perder seu interesse romântico: Ofélia.

Hamlet perde o sentido e a direção de sua vida e de seu próprio luto interrompido pela obrigação de vingar a morte do pai. O luto de um pai profundamente idealizado passa a ser substituído pela determinação do pedido de vingança que, a esta altura, não

é mais do pai que se trata, mas do próprio Hamlet (Szpacenkopf, 2017, p. 14).

Segundo Freud (2014, p. 26), “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela”. Isso evidencia que não necessariamente a morte vai estar relacionada com uma perda física: em alguns casos, pode se manifestar simbolicamente, como o fim de um relacionamento, a perda de um emprego e, até mesmo, a perda da identidade do indivíduo.

O luto, portanto, é uma experiência universal que todos estão sujeitos a vivenciar, todavia, ao mesmo tempo, é uma experiência particular, pois cada indivíduo processa a morte de maneira particular. A morte é esculpida em todas as épocas e é escrita em toda a literatura (Alexius, Alves, Fortes, 2008). O estudo sobre o luto proporciona um entendimento sobre os aspectos mais profundos desse sentimento, mostrando as possibilidades de ressignificação diante de uma perda.

Para Stroebe e Schut (2010), o luto pode ser entendido como um processo cognitivo que confronta essa realidade enfrentada por uma perda por meio da morte. É um processo que revisita eventos ocorridos antes e no momento da morte; além disso, concentra-se em memórias e trabalha para o desapego ou realocação do falecido. Nesse sentido, há a necessidade do enlutado reconhecer a realidade da perda e sua integração na realidade através de uma ressignificação do vínculo.

Diante disso, este artigo tem como principal objetivo analisar como o luto é representado na construção narrativa do romance Amor(es) Verdadeiro(s) e como a perda é vivenciada pela narradora-personagem, evidenciando os conflitos internos e os outros sentimentos que emergem desse luto. Este estudo será conduzido pela perspectiva de luto defendida por Freud no ensaio *Luto e Melancolia* (2014); na conceituação de morte proposta por Kovács (1992); e também será embasado pelas teorias de enfrentamento do luto, propostas por Gonçalves e Bittar (2016), bem como nos debates de Silva et. al. (2012) a respeito das representações da morte e do luto.

Do luto: ou “como juntar os cacos”

Porque a minha escolha não foi entre Sam e Jesse. Nunca foi uma questão de ficar com um ou com outro. Apesar de em vários momentos eu ter achado que sim. Minha dúvida era se

Jesse e eu ainda tínhamos ou não alguma coisa para recomeçar.

(*Taylor Jenkins Reid*)

De acordo com Gonçalves e Bittar (2016, p. 40), “o luto é um processo interno que se desencadeia a partir da perda de algo significativo ou alguém amado”, ou seja, não necessariamente haverá uma morte presente no luto. Freud (2014) adota um posicionamento similar ao afirmar que o luto é uma resposta à perda de alguém querido ou a algum tipo de ausência.

Amor(es) Verdadeiro(s) foi publicado inicialmente sob o título *One True Loves* em 2016 e traduzido para o português por Alexandre Boide e lançado em 2020 pela Editora Paralela; o romance é de autoria da escritora norte-americana Taylor Jenkins Reid, que possui dez livros publicados. Entre a produção literária da autora destacam-se os romances *Os sete Maridos de Evelyn Hugo* (2019), *Carrie Soto Está de Volta* (2022), *Daisy Jones and The Six* (2019) e *Amor(es) Verdadeiro(s)* (2020). Entre as obras mencionadas, duas ganharam adaptações audiovisuais pela plataforma de *streaming* Prime Video: o romance *Daisy Jones and The Six*, que foi produzido em formato de série, e *Amor(es) Verdadeiro(s)*, um longa-metragem.

Na edição da Paralela, o livro é composto por um prólogo e estruturado em cinco partes: 1. *ANTES - Emma e Jesse: ou como se apaixonar e então desmoronar*; 2. *Emma e Sam: ou como juntar os cacos*; 3. *DEPOIS - Ambos: ou como pôr em risco aquilo que se ama*; 4. *Amor e Maine: ou como voltar no tempo*; 5. *Dois amores verdadeiros: ou como se reconciliar com a verdade do amor*. Inseridos nessas partes, estão distribuídos 39 capítulos não titulados e 288 páginas.

Amor(es) Verdadeiro(s) narra a trajetória de Emma Blair desde a adolescência até a vida adulta. Durante a adolescência, Emma expressa interesse em viajar e conhecer o mundo, desejo esse que passou a compartilhar com seu namorado Jesse Larner, que posteriormente tornou-se seu marido. Um ano após o casamento e com mais de dez anos juntos, seu cônjuge sofre um acidente de helicóptero durante uma viagem de trabalho. Os corpos dos dois pilotos que estavam no mesmo helicóptero foram encontrados, porém, o de Jesse “foi dado como morto” (Reid, 2020, p. 71-72).

Emma passou por uma grande transformação ao tomar conhecimento do acidente do marido; decidiu deixar seu emprego, no qual atuava como escritora para um

blog de viagens, e retornar para a sua cidade natal, Acton, com o intuito de morar mais perto da família. Aos poucos, o luto da personagem é amenizado e ela lentamente reconstrói sua vida. Surge a oportunidade de tentar coisas novas, outras leituras, o trabalho na livraria da qual sua família é proprietária, além de outras experiências, como aprender língua de sinais e tocar um instrumento.

Isso faz com que ela reencontre Sam, um antigo amigo da adolescência. Há um envolvimento afetivo entre ambos. Gradativamente, Emma se apaixona novamente e eles chegam a ficar noivos. Pouco tempo após o noivado e quase quatro anos após o desaparecimento de Jesse, Emma descobre que ele sobreviveu ao acidente e ela precisa decidir a qual relacionamento ela deseja dar continuidade, tendo em vista que a personagem já passou por um intenso luto e sua vida foi reconstruída.

Taylor Jenkins Reid incorpora outros temas relevantes à trama, em especial as relações familiares e afetivas, amadurecimento, a necessidade de lidar com a incompletude e a falta, construção de identidade, recomeços, maternidade e surdez, sendo as duas últimas relacionadas à irmã de Emma, que possui duas filhas surdas.

Kovács (1992) afirma que o luto é definido por um conjunto de reações que surgem quando um indivíduo se depara com uma perda. A autora se propõe a discutir as quatro fases do luto, de acordo com o proposto por Bowlby (1985):

1. Fase de choque que tem a duração de algumas horas ou semanas e pode vir acompanhada de manifestações de desespero ou de raiva.
2. Fase de desejo e busca da figura perdida, que pode durar também meses ou anos.
3. Fase de desorganização e desespero.
4. Fase de alguma organização (Bowlby *apud* Kovács, 1992, p. 151).

Na primeira fase, ocorrem expressões emocionais intensas, ataques de pânico e de raiva; a pessoa pode parecer desligada, ainda que haja altos níveis de tensão. A companhia de outras pessoas, nesse momento, é imprescindível (Kovács, 1992). No romance, antes mesmo de Jesse ser declarado como morto, Emma já contava com o apoio da família: os sogros se instalaram em seu apartamento e os “pais se hospedaram em um hotel perto dali” (Reid, 2020, p. 71). Emma, juntamente com seu sogro, tentava se manter positiva; a sogra questionava por que não havia uma mobilização maior para encontrar seu filho. Emma escondia sua dor: “chorava quando ninguém estava por perto

e mal conseguia me olhar no espelho, mas sem parar de dizer a mim mesma que Jesse seria encontrado em breve" (Reid, 2020, p. 71).

O tipo de perda que Emma experienciou é definido por Boss (1999) como *perda ambígua*. Para a autora, dentre todas as despedidas das relações interpessoais, essa é a mais devastadora devido ao seu caráter indeterminado e, portanto, "sempre estressante e com frequência atormentadora"³ (Boss, 1999, p. 5, tradução nossa).

Para Boss (1999), existem dois tipos de perdas ambíguas: no primeiro tipo a pessoa é fisicamente ausente, no entanto se faz presente de forma psicológica pois não se sabe se a pessoa está viva ou morta; em contraponto, no segundo tipo de luto ambíguo a pessoa está presente de forma física, mas está psicologicamente ausente, é o caso de pessoas que sofrem de doenças mentais, tal como Alzheimer ou dependência química. O romance apresenta esse primeiro tipo de perda devido ao desaparecimento de Jesse, que, logo em seguida, tem sua morte declarada equivocadamente.

Após Jesse ter sido declarado morto pelas autoridades, a sogra de Emma teve ataques de pânico e precisou ser internada em um hospital. Por outro lado, Emma experienciou um estado de negação: passou "três dias andando pela casa atordoada, esperando o telefone tocar, esperando outra pessoa ligar dizendo que o primeiro contato tinha sido um equívoco" (Reid, 2020, p. 72). No entanto, Emma só recebeu essa ligação muitos anos depois, quando já havia ressignificado o luto.

Alguns dias depois, Emma resolve subir no telhado e, ao observar o mar, imagina se Jesse não estaria tentando nadar de volta para casa. Esse comportamento de Emma é compatível com a segunda fase, em que há a busca pela pessoa que foi perdida e o desejo da presença, que pode vir acompanhado de desespero, inquietação e preocupação, "dois processos contraditórios coexistem, a realidade da perda, com todos os sentimentos que a acompanham, e a esperança do reencontro" (Kovács, 1992, p. 152):

Pensei: *Talvez Jesse esteja lá na água. Talvez esteja nadando. Talvez esteja construindo uma jangada para voltar para casa.*
A esperança a que me agarrei nesse momento não me pareceu bondosa ou libertadora. Pareceu cruel. Como se o mundo só estivesse me dando corda para eu me enforcar.

³ No original: "[ambiguous loss] is always stressful and often tormenting" (Boss, 1999, p. 5).

Desci do telhado e fui procurar entre os pertences de Jesse. Revirei seu closet, sua cômoda e sua escrivaninha antes de encontrar. Binóculos.

Voltei para o telhado e mirei o fiapo de vista para o mar. E esperei. Estava apreciando a visão. Mas não estava curtindo a paz e a tranquilidade da água. Não estava desfrutando da minha solidão. Estava procurando Jesse (Reid, 2020, p. 73, grifos da autora).

Após esse momento, os pais e a irmã de Emma chegam à casa dela. Emma explica para sua irmã, Marie, que está esperando por Jesse, e Marie tenta dissuadi-la dessa ideia e explicar que ele não irá retornar. No entanto, Emma replica que Marie não é mais o centro do mundo e que irá esperar até o seu marido voltar: “não vou deixar você me diminuir só porque gosta de me ver por baixo” (Reid, 2020, p. 74). Kovács (1992) afirma que a raiva do enlutado pode ser transferida para amigos que tentam consolar, enquanto há a persistência dessa raiva, ainda há uma esperança da recuperação desse vínculo perdido, portanto, a perda ainda não foi aceita: “a esperança intermitente, os desapontamentos repetidos, o choro, a raiva, as acusações, a ingratidão com as pessoas próximas são manifestações da segunda fase do luto” (Kovács, 1992, p. 152).

Depois que Jesse é encontrado, Emma se sente de uma forma diferente em relação a esse momento: enquanto Marie expressa arrependimento e tenta se desculpar por ter tirado as esperanças de Emma encontrar Jesse, Emma enxerga de outro jeito. Isso se dá devido às pessoas “ansarem por certezas. Mesmo o conhecimento da morte é mais bem-vindo do que a continuação da dúvida”⁴ (Boss, 1999, p. 6, tradução nossa):

“Não foi isso o que aconteceu. De jeito nenhum. Eu estava pirando naquele telhado. Estava totalmente fora de mim, Marie. Não era razoável acreditar que ele estivesse vivo, muito menos que eu ia salvá-lo, que poderia vê-lo de lá, espiando aquele pedacinho de mar. Era loucura. Qualquer um com o mínimo de juízo me diria que ele estava morto. Eu precisava entender que a conclusão mais racional era essa. Você me ajudou a entender isso. A manter minha sanidade” (Reid, 2020, p. 179).

Marie ajudou Emma nesse processo, pois a morte de Jesse não foi tangível. De acordo com Boss (1999), grande parte das pessoas precisa da experiência de ver o corpo, pois isso faz com que a perda seja real. A autora discorre que a maioria das famílias nunca consegue essa confirmação do óbito e isso tem como consequência

⁴ No original: “*People hunger for certainty. Even sure knowledge of death is more welcome than a continuation of doubt*” (Boss, 1999, p. 6).

desafios maiores para mudar suas percepções sobre ausência ou presença. Isso acontece em partes no romance, pois, ainda que o corpo nunca tenha sido encontrado, Jesse é dado como morto após alguns dias de busca e após o encontro dos corpos dos pilotos.

De acordo com Gonçalves e Bittar (2016, p. 40), “o luto é um processo que visa representar e acomodar esta perda, portanto, um processo necessário”, ou seja, o luto irá permitir o reconhecimento dessa ausência e que o indivíduo encontre uma alternativa para seguir em frente, mesmo tendo experienciado os sentimentos provocados pela ruptura. Segundo Kovács (1992, p. 152), “uma profunda tristeza é sentida quando ocorre a perda como definitiva”. A sogra de Emma passa por isso primeiro, através de ataques de pânico. Emma, por outro lado, se deu conta dessa realidade após a conversa que teve no telhado com Marie, onde ela

[...] chorava tanto naqueles dias, e com tanta força, que acordava com os olhos quase fechados de tão inchados. Não troquei de roupa por três semanas.

Chorei por ele, e pelo que eu tinha perdido, e por todos os dias que restavam na minha vida e precisariam ser vividos sem ele. Minha mãe precisava me obrigar a tomar banho. Ficava no chuveiro comigo, segurando meu corpo nu sob o jato d’água, sustentando meu peso nos braços porque eu não conseguia ficar de pé sozinha. O mundo parecia um lugar escuro, soturno e sem sentido. A vida parecia uma coisa inútil, cruel (Reid, 2020, p. 75).

Conforme o proposto por Freud (2014), no luto o mundo se torna pobre e vazio. O psicanalista argumenta que esse estado faz com que o enlutado experimente um desinteresse pelo mundo quando não lembra o falecido. Kovács tem um posicionamento similar ao afirmar que “pode haver a sensação de que nada mais tem valor, muitas vezes acompanhada de um desejo de morte, pois a vida sem o outro não vale a pena” (Kovács, 1992, p. 152). Emma expressa o desejo de morrer, pois sente que perdeu toda a esperança, o amor e a bondade.

Nesse sentido, Gonçalves e Bittar (2016) defendem que enfrentar o luto, havendo a possibilidade de superar a perda, significa caminhar em direção à resolução de encontrar uma maneira de viver apesar dessa perda e com ela. Esse posicionamento é condizente com a fase de reorganização, de acordo com Kovács (1992). Nessa fase, há a aceitação de que a perda é, de fato, definitiva, a partir do entendimento de que uma nova

vida precisa ser (re)iniciada. Emma começa tal etapa lentamente, quando toma a decisão de voltar para a sua cidade natal junto com a sua família.

Quando você perde alguém que ama, é difícil imaginar que algum dia vai se sentir melhor. Que um dia vai estar de bom humor só porque o tempo está gostoso ou porque o barista do café da esquina sabe de cabeça qual é a sua bebida favorita. Mas acontece.

Se você tiver paciência e se esforçar para isso (Reid, 2020, p. 79).

Para Kovács (1992), embora essa fase de reorganização seja marcada por aceitação e novas buscas, o luto é gradual: é possível que a tristeza e a saudade retornem e o processo nunca seja totalmente concluído. Ou seja, o processo que Emma vivencia não é seguido de maneira linear; ainda assim, a tendência é que o sofrimento seja amenizado com o passar do tempo, havendo uma adaptação do enlutado no que tange à dor.

Stroebe e Schut (2010, p. 277) defendem um processo dual do luto. Esse esquema “pode ser entendido como uma taxonomia para descrever as maneiras pelas quais as pessoas lidam com a perda de um ente querido”⁵, cujo objetivo foi criar um modelo capaz de explicar melhor o enfrentamento do luto e de prever a adaptação ao evento, auxiliando na compreensão das diferenças individuais na forma como as pessoas lidam com a perda. Além disso, o modelo especifica um processo dinâmico de enfrentamento, denominado oscilação, de natureza regulatória, cujo princípio consiste no fato de que, em alguns momentos, o enlutado confronta os aspectos da perda, enquanto, em outros, essa perda é evitada.

Devido a tal oscilação, o processo torna-se não linear. Isso também se aplica ao conceito de restauração, que trata da adaptação ao mundo sem a presença do falecido; nesse aspecto, estão incluídos o replanejamento da vida e a necessidade de lidar com mudanças. No caso de Emma: “pouco a pouco, dia a dia, minuto a minuto, em um ritmo tão lento que você mal consegue notar que tem alguma coisa acontecendo, você redescobre um propósito para a sua vida” (Reid, 2020, p. 83).

Mas então começa a se sentir mais forte na cama, deixando as lágrimas caírem, fazendo a dor transbordar até secar. Você se

⁵ No original: “can be understood as a taxonomy to describe ways that people come to terms with the loss of a loved one” (Stroebe; Shut, 2010, p. 277).

imagina exalando sofrimento, como se as lágrimas de seus olhos fossem a própria dor. Você imagina o sofrimento deixando seu corpo e se esparramando pelo colchão. Você acorda de manhã se sentindo seca e esvaziada, tão vazia que, se levasse uma pancada, ouviria um som oco. É terrível se sentir oca e vazia quando você estava acostumada a ser tão cheia de alegria. Mas não é tão ruim para quem estava cheia de dor.

Oca parece aceitável.
Vazia parece um começo.
O que é bom, porque por um longo tempo você se sentiu como se estivesse no fim da linha (Reid, 2020, p. 81).

Para Freud (2014), a realidade mostra que o objeto amado já não existe mais e agora é necessário que toda essa libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. No entanto, esse processo não é simples, pois envolve lembranças, vivências e dores. A apatia que é descrita no trecho acima faz parte, pois “a inibição e a falta de interesse ficaram inteiramente esclarecidas pelo trabalho de luto que absorvia o ego” (Freud, 2014, p. 28). O processo de Emma foi particularmente difícil, pois não houve a perda do seu marido gradativamente; foi uma perda totalmente inesperada, e “as mortes inesperadas acontecem sem nenhum sinal ou aviso prévio, assim, o choque do enlutado, ao receber a notícia, tende a ser maior” (Carnaúba, Pelizzari e Cunha, 2016, p. 43).

As mortes ocorridas em desastres são acontecimentos não esperados diante da perspectiva do ciclo vital natural, provocando, assim, uma ruptura intensa e de muito sofrimento na vida dos enlutados, que se encontram frente a uma perda totalmente inesperada (Carnaúba, Pelizzari, Cunha, 2016, p. 43).

Emma aprendeu que o luto nunca a deixaria completamente livre; descobriu que teria que conviver com ele e aprender a administrá-lo, entendeu que o luto “é crônico. Que não tem cura, apenas remissões e lapsos. Isso significa que não dá para você ficar parada esperando tudo passar. Precisa seguir em frente, assim como é preciso nadar para atravessar a arrebentação” (Reid, 2020, p. 82). Emma redescobriu um propósito para a sua vida quando voltou a trabalhar na livraria de sua família, entretanto, em uma conversa com seus pais

Quando eles a elogiam por ser ótima no que faz, começa a chorar e sente falta de Jesse. Os momentos felizes são os piores, porque a saudade bate mais forte. Porém você enxuga os olhos, volta ao trabalho e, quando deita a cabeça no

travesseiro naquela noite, considera que teve um bom dia (Reid, 2020, p. 84).

Segundo Boss (1999), pessoas que experimentam uma perda ambígua têm pensamentos e sentimentos conflitantes, como na ocasião acima que Emma chora a ausência de Jesse, segue em frente e no fim do dia ainda considera que teve um dia bom. Para a autora, é difícil dar sentido a uma perda, principalmente à perda ambígua, mas havendo apoio e resiliência, pode haver um equilíbrio entre a capacidade de lamentar o que foi perdido e o reconhecimento de que ainda é viável ser feliz.

Depois de já ter passado por várias mudanças, Emma decide aprender a tocar piano e encontra Sam Kemper em uma loja de instrumentos musicais. Ele a convida para sair, e ela aceita, porém, não no mesmo dia. Ao aceitar, Emma percebeu que precisaria se despedir de Jesse, por isso resolveu escrever uma carta. Em *Diário de luto*, Roland Barthes afirma que se escreve para lembrar, para “combater a dilaceração do esquecimento na medida em que ele se anuncia como absoluto. O — em breve — ‘nenhum rastro’, em parte alguma, ninguém” (Barthes, 2011, p. 110). No texto, Emma relembra alguns momentos que passaram juntos, a dor que ela sentiu e enfatiza que gostou de sentir essa dor, pois representava Jesse. Perdê-lo a fez sentir um vazio que nunca achou possível, contudo, agora a lembrança de Jesse trazia alegria por tudo o que eles viveram. Assim, Emma sente que está pronta para seguir em frente. Esse momento é importante, pois, de acordo com Boss (1999), sem algum tipo de encerramento, a ausência continua presente. A autora também discorre que um encerramento simbólico é melhor que nenhum.

Cheguei a pensar que o luto fosse durar para sempre, que fosse possível apenas apreciar os dias bons e usá-los para suportar os ruins. Depois comecei a achar que talvez os dias bons não precisam ser só dias; talvez possam ser semanas boas, meses bons, anos bons.

Agora fico me perguntando se o luto não é uma espécie de concha.

A gente se esconde dentro dele por um tempo e depois percebe que não cabe mais lá.

Então a gente o deixa de lado.

Isso não significa que eu queira esquecer suas lembranças ou o amor que sinto por você. Mas quer dizer que quero deixar a tristeza para trás.

Nunca vou me esquecer de você, Jesse. Não quero, e acho que nem consigo.

Mas acho que sou capaz de me desvencilhar da dor. Acho que consigo abandoná-la e seguir em frente, voltando para visitá-la de vez em quando, mas sem carregá-la comigo o tempo todo. Não só acho que consigo fazer isso, mas sinto que preciso (Reid, 2020, p. 98).

Emma inclui na carta a necessidade de encontrar um novo amor. Para Kovács (1992), “alguns buscam novos relacionamentos, como forma de dar continuidade à vida” (Kovács, 1992, p. 153). Se não houver um desligamento do objeto que foi perdido, em cada relação haverá a busca pela relação anterior, podendo haver consequências desastrosas. Quando há uma morte inesperada, o enlutado não tem o tempo necessário para se preparar para essa perda, lidar com assuntos inacabados e dizer adeus, mas Emma tenta fazer isso através da escrita dessa carta para poder viver um novo relacionamento com Sam (Carnaúba, Pelizzari, Cunha, 2016).

A personagem inicia um relacionamento com Sam. Ele respeita a história que ela teve com Jesse e, aos poucos, constroem uma vida juntos. Depois de um ano, Sam diz para Emma que não irá pedi-la em casamento; no entanto, se algum dia ela decidir que deseja se casar com ele, deve avisá-lo. Emma conclui que está pronta para dar o próximo passo e eles noivam. Emma decide “parar de me perguntar como eu estaria se as coisas tivessem sido diferentes. Em vez disso, iria me concentrar no que tinha. Iria me voltar para a realidade em vez de ficar questionando possibilidades” (Reid, 2020, p. 121).

Com dois meses de noivado, Emma recebe um telefonema informando-a de que Jesse sobreviveu ao acidente e em breve retornará para casa. Emma fica “muito confusa no momento. Na verdade, estou tão confusa que nem sei o quanto estou confusa. O que Sam e eu compartilhamos... é amor. Essa é a verdade pura e simples” (Reid, 2020, p. 121). No entanto, a personagem não sentia que era algo simples e não fazia ideia de qual era a verdade.

Emma reencontra Jesse, e seu noivo Sam decide lhe dar o espaço necessário para que ela entenda melhor os seus sentimentos. Jesse e Emma decidem viajar por três dias para a casa dos pais de Jesse. Na viagem, Emma percebe que não é mais a pessoa que era antes e a escolha não é entre a pessoa que ela ama mais, é sobre quem ela deseja ser.

A personagem tinha versões de si distintas com cada parceiro. Com Jesse, Emma viajava pelo mundo; era mais aventureira. Jesse voltou recentemente após passar

anos em uma pequena ilha e já está fazendo planos para viajar o quanto antes. Por outro lado, com Sam, a sua vida é mais tranquila e estável; ela gerencia a livraria dos pais e tem uma relação mais próxima à família. Nessa fase, a vida de Emma tem muito mais coisas em comum com Sam do que com Jesse.

É uma vida boa, que eu também nunca imaginei para mim.
É ótima.

E estou sentindo falta dela.

Sam sabe que eu não posso comer queijo. E que eu nunca vou mudar meu sobrenome de novo. E como a livraria é importante para mim. Ele gosta de ler. Gosta de falar sobre livros, e tem ideias interessantes a respeito. Nunca guiou sem habilitação. Não costuma ser parado pela polícia. Dirige com cuidado quando o tempo está ruim. Sam me conhece, sabe quem eu sou de verdade. E se apaixonou por mim exatamente como sou, e em especial como sou hoje (Reid, 2020, p. 233-234).

De acordo com Silva et. al. “vale mencionar que a perda de uma pessoa amada é uma das experiências mais dolorosas que o ser humano pode sofrer” (Silva et. al., 2012, p. 188). Esse processo transformou completamente a vida de Emma: ela se tornou uma nova pessoa, e a versão de Emma que Jesse amava não existe mais. Jesse até tenta convencê-la de que são as mesmas pessoas e estão destinados a ficarem juntos, porém foi uma escolha, Emma permanecer fiel à pessoa que ela se tornou. Emma gosta de trabalhar na livraria, gosta do seu cabelo como está no momento. Em resumo, a personagem aprendeu a gostar de sua vida calma em uma cidade pequena.

“Sim, tudo bem. Você mudou porque eu não estava aqui, entendo isso. Ficou desorientada e triste, por isso voltou para Acton, para se sentir segura, e assumiu a loja dos seus pais porque era a opção mais fácil. Só que você não precisa mais fazer isso. Estou aqui de novo. A gente pode voltar para a Califórnia. E finalmente visitar Puglia. Aposto que você consegue se recolocar no mercado de revistas em questão de um ano. Você não precisa mais viver essa vida” (Reid, 2020, p. 238).

Apesar de continuar amando Jesse, afinal, “ninguém espera que você abandone o homem que fez uma jornada infernal para voltar para casa” (Reid, 2020, p. 241), Emma sabe que não há mais um futuro com ele, pois “não é assim que a vida funciona. As coisas que eu passei na vida afetam a pessoa que sou hoje” (Reid, 2020, p. 239). Esse trecho dialoga com o proposto por Kovács, que afirma que “a morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da

morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos" (Kovács, 1992, p. 149).

A Emma que ele conheceu queria outro tipo de vida. Tinha sede de aventura. Era louca para viajar. Não acreditava que existisse alegria nas coisas simples, achava que tudo precisava ser grandioso e ousado. Achava totalmente impossível curtir uma cama gostosa ao acordar, e que para se sentir bem não era preciso estar acariciando um elefante ou visitando o Louvre. Mas não sei se eu era exatamente essa pessoa quando ele se foi. E, agora, com certeza não sou (Reid, 2020, p. 185).

Boss (1999) disserta que a ambiguidade pode fazer com que as pessoas se tornem menos dependentes da estabilidade e mais confortáveis com as metamorfoses e a espontaneidade. No caso de Emma, a vida que ela levava com Jesse era repleta de aventuras, viagens e um certo nomadismo; todavia, há uma metamorfose após o desaparecimento de seu primeiro amor, quando a personagem buscou se reaproximar do passado ao retornar à cidade onde nasceu e viveu até sua adolescência e, em algum grau, o novo relacionamento de Emma também traz isso, uma reconexão com um antigo amigo. Foi um processo difícil para a personagem: "mas finalmente entendi quem sou e o que quero. Na verdade, minha identidade nunca me pareceu tão clara e cristalina" (Reid, 2020, p. 265).

O luto simbólico de Jesse

"Você e eu não vamos passar a vida juntos", Jesse continua. "Mas finalmente entendo que isso não tira nada da beleza de quando éramos feitos um para o outro."

(Taylor Jenkins Reid)

Ainda que o foco da narrativa seja o luto de Emma, é possível observar que Jesse também passa por um luto simbólico vinculado à perda da esposa, pois durante o tempo que ficou perdido, ele imaginava que ela estaria esperando por ele, que ela ou sua família fosse buscá-lo. A personagem reluta ao falar sobre o assunto, mas após a insistência de Emma, acaba perguntando:

O que você quer saber? Que os médicos encontraram dois tipos de câncer de pele em mim? Que quando me encontraram dava para ver o osso dos meus pulsos e as minhas costelas por baixo

da pele? Que passei por quatro tratamentos de canal e que agora metade da minha boca parece de mentira? É isso que você quer saber? Que eu fui queimado por uma caravela enquanto nadava para me salvar? E que não sabia como desgrudar o bicho de mim? E que [...] só continuou me queimando? Que a dor foi tão forte que eu pensei que fosse morrer? Que os médicos disseram que essas cicatrizes vão continuar aí por anos, talvez pelo resto da minha vida? (Reid, 2020, p. 239-240).

Ele ainda afirma que não está “ressentido com ninguém por isso. O que me irrita é que você me esqueceu! Você seguiu em frente e me substituiu! Agora estou de volta e continuo sem você” (Reid, 2020, p. 240). Para Beserra, Reis e Monteiro (2018), embora o luto simbólico seja menos comum de ser discutido, ainda assim, se faz “presente no cotidiano das relações interpessoais, objetais, corpóreas, amorosas” (Beserra, Reis e Monteiro, 2018, p. 18). No caso de Jesse, o luto simbólico está presente em todos os âmbitos mencionados, inclusive em seu próprio corpo, devido às lesões infringidas pelo tempo que passou à deriva. Essa realidade é acompanhada de sentimentos de frustração, tristeza, raiva e ele passa por um percurso até aceitar sua conjuntura atual.

De acordo com Vianna (2006), quando há uma perda, é necessário tempo e esforço para a aceitação da nova realidade e para reconhecer que esse objeto não existe mais. No caso de Jesse, o objeto perdido não se limita apenas à Emma, há o ressentimento pelo fato de o mundo ter continuado e evoluído enquanto ele estava desaparecido, ele sente um não pertencimento devido à quebra de suas expectativas. Isso é evidenciado logo que eles se encontram; a personagem já demonstra uma tristeza relacionada à perda de lugares.

“A Savory Lane fechou”, aviso. “Na verdade, o Friendly’s também”.

Ele me encara, olhando bem nos meus olhos para tentar descobrir se estou brincando. Quando vê que estou falando sério, uma expressão de tristeza aparece em seu rosto. Jesse logo a substitui por um sorriso, mas fico me perguntando se isso não pode ser a prova definitiva de que o mundo continuou caminhando em sua ausência, o fato de não termos mais como ir à Savory Lane juntos (Reid, 2020, p. 183).

Vianna (2006, p. 9) ainda afirma que “isso é possível através de um longo e custoso processo de luto, que envolve a evocação de cada lembrança e de cada expectativa com as quais a libido está vinculada ao objeto”, ou seja, isso implica reviver

memórias vinculadas à pessoa perdida. Ambos vivenciam essa experiência: Emma quando Jesse desaparece, e quando ele retorna, pois a personagem precisa deixá-lo ir e Jesse se apegue às memórias do que eles viveram; cada lembrança tem o afeto que estava presente nesse relacionamento, quando decidem que é melhor que continuem separados, eles conversam sobre a sua “história de amor como duas pessoas que discutem um filme que acabaram de ver — ou seja, falamos conscientes de como tudo termina. Nossas lembranças se tornam ligeiramente diferentes agora, com um toque melancólico” (Reid, 2020, p. 255-256).

Vianna dialoga com Freud (2014), que discorre que o luto não deve ser encarado como um estado patológico e, embora haja desvios na conduta normal da vida, com o tempo esse luto será superado e pode ser prejudicial para o enlutado perturbá-lo. O autor ainda afirma que “no luto achamos que a inibição e a falta de interesse ficaram inteiramente esclarecidas pelo trabalho de luto que absorvia o ego” (Freud, 2014, p. 29).

“Não suporto olhar para a minha mão. Não aceito a ideia de que meu dedo não está mais aqui. Sei que parece bobagem, mas achei que, se conseguisse chegar em casa, as coisas voltariam ao normal. Eu teria você de novo e voltaria a me sentir normal, e assim meu dedinho iria, sei lá, reaparecer num passe de mágica ou por algum tipo de milagre” (Reid, 2020, p. 248-249).

É possível observar, no trecho acima, que, além da perda de Emma, Jesse sofreu a perda de um membro. Parkes (2023) afirma que há uma semelhança entre as pessoas que sofreram alguma amputação e as pessoas em luto; há uma certa dificuldade em aceitar o ocorrido, bem como uma preocupação em buscar o que foi perdido. Jesse vivencia isso por conta da perda da esposa, do dedo, além de ter dois tipos de câncer de pele, marcas de queimadura e de ter enfrentado privações alimentares e sede por anos.

“Não acho que esteja bem. Fico agindo como se estivesse me sentindo bem aqui, mas... não estou. Sinto que não pertenço a lugar nenhum. Aqui, ou lá. Estou... me esforçando para me manter de pé quase todos os minutos do dia. Num momento fico impressionado com a quantidade de comida ao meu redor, mas no instante seguinte não consigo comer nada. No dia em que cheguei, acordei às três da manhã, desci para a cozinha e comi tanto que até passei mal. Os médicos me disseram que eu precisava tomar cuidado para não exagerar, mas ou eu sentia fome de tudo ou então de nada. Não existe meio-termo. E isso não vale só para a comida. Enquanto estávamos no banho, eu

pensei: ‘É melhor procurar um balde e pegar uma parte dessa água. Fazer um estoque’” (Reid, 2020, p. 248).

Esses sentimentos são explorados superficialmente na narrativa; isso se dá pelo fato do romance ser narrado através do ponto de vista de Emma, logo, o acesso aos sentimentos de Jesse se dá através dos diálogos e das inferências de Emma, como na situação que a personagem pensa: “sinto que Jesse está mais irritado do que tem deixado transparecer. Parece que ele está realmente ressentido por eu ter seguido em frente. Até diz que entende, mas talvez não seja bem assim” (Reid, 2020, p. 184) É quando há um vislumbre da profundidade dos sentimentos de Jesse:

“[...] No fundo do meu coração, estou muito, muito irritado. E não queria me sentir assim, nem odiar a mim mesmo por isso. Mas o fato de você ter se apaixonado por outro me enfureceu. Sei que isso não significa que tenha me esquecido, pelo menos por agora, mas é o que me parece. E não estou dizendo que não consigo superar isso se todo o resto entre nós se acertar, mas... sei lá. Estou irritado com você, e com o Friendly's por ter virado um Johnny sei lá o quê, como você disse. Estou irritado com quase tudo que mudou sem a minha presença. Sei que preciso trabalhar a minha raiva. Sei que isso é só uma parte dos problemas que estou enfrentando. Sei que falei que essa deveria ser a parte fácil, mas não sei por que fui pensar uma coisa dessas. Voltar para casa é difícil. Jamais seria uma coisa fácil. Me desculpa por só ter me dado conta disso agora. É claro que mudei. E você também. Não havia como passarmos por isso sem a gente se perder; nós éramos importantes demais um para o outro para isso acontecer. Então acho que o que estou dizendo é que estou infeliz e furioso, mas acho que entendo. O que você escreveu nessa carta faz sentido para mim. Você precisava me deixar de lado se quisesse ter a chance de levar uma vida normal. Sei que você continuava me amando. E que não foi fácil. E, claro, sei o quanto isso está sendo difícil para você. E estaria mentindo se dissesse que não estou vendo o que você vê” (Reid, 2020, p. 250-251).

Os lutos de Emma e Jesse se diferem. A perda de Emma foi material: seu marido foi declarado como morto e permaneceu anos desaparecido. Beserra, Reis e Monteiro (2018) discorrem sobre a diferença entre o luto simbólico e o luto concreto; de acordo com a concepção dos autores, “o luto simbólico difere em um único aspecto do luto concreto, a saber, pelo fato de que nesse há uma perda real, uma morte concreta de algo ou alguém de meu convívio, sendo capaz de gerar esse pesar (Beserra, Reis e Monteiro, 2018, p. 24).

O luto simbólico será mais abstrato e metafórico, contudo, carregado de sentido, com a necessidade de ser aprofundado e atravessado. O percurso do luto simbólico será equivalente ao do luto concreto “onde terá uma cicatrização simultânea ao perpassar das fases que o luto apresenta, como sentimentos de tristeza, raiva, culpa, demonstrações de desamparo, dúvidas e principalmente saudade” (Beserra, Reis, Monteiro, 2018, p. 25).

A perda de Emma também pode ser definida como ambígua, como reforçado anteriormente, pois segundo Boss (1999), os que a sofrem precisam lidar com algo muito diferente da perda comum, cuja mais óbvia é a morte, que é um evento que possui verificação oficial: cerimônia fúnebre, certidão de óbito, enterro ou dispersão das cinzas. “No caso de uma morte, todos concordam que ocorreu uma perda permanente e que o luto pode começar. A grande maioria das pessoas lida com essa perda por meio do que poderíamos chamar de luto normal”⁶ (Boss, 1999, p. 9).

Como já mencionado anteriormente, a narração se dá a partir de Emma; em virtude disso, não é possível acompanhar a cicatrização de Jesse. No entanto, após oito meses do casamento de Emma e Sam, ela recebe uma ligação de Jesse, informando que ele conheceu outra pessoa. Emma chega à conclusão de que há uma renúncia quando se apaixonam novamente por outras pessoas, mas que isso não anula a história que eles viveram.

“Agora entendo. Entendo o que você quis dizer. Sobre ter se apaixonado pelo Sam sem se esquecer de mim. Sobre isso não mudar nada do que você sentia. Sobre isso não tornar as pessoas que você amava antes menos importantes. Na época não saquei. Achei que a sua escolha por ele significava que não me amava. Pensei que, como as coisas não deram certo, a gente tinha sido um fracasso ou um erro. Mas agora entendo. Porque estou apaixonado por ela. Tão apaixonado que consigo ver tudo com clareza. Mas isso não muda o que senti por você nem a gratidão que sinto por ter te amado. É que...”

“Fiquei no passado. E ela é o presente” (Reid, 2020, p. 285).

Por fim, ambos seguem caminhos opostos, tendo superado o luto que os afliu devido à perda e conscientes de que não irão envelhecer e passar o resto de suas vidas juntos, mas com o entendimento de “que isso não tira nada da beleza de quando éramos feitos um para o outro” (Reid, 2020, p. 285).

⁶ No original: “In the case of a death, everybody agrees that a permanent loss has occurred and that mourning can begin. The great majority of people deal with such a loss by what we might call normal grieving” (Boss, 1999, p. 9)

Considerações Finais

Emma passou por diferentes fases do luto no decorrer de sua trajetória; não foi algo contínuo e linear. O luto da personagem teve diferentes estágios na sua jornada de ressignificação, desde perder o interesse pelo mundo, conforme Freud (2014) menciona, até um processo de aceitação defendido por Kovács (1992), no qual há o entendimento da necessidade de recomeçar a vida. Emma constrói essa vida perto da família, através de seu trabalho e do aprendizado de coisas novas, que a levam a conhecer o homem que passaria a dividir a vida, Sam.

Em contraponto, quando Jesse retorna à sua cidade natal, depara-se com mudanças inesperadas, como o fato de sua esposa estar noiva de outro homem, e como consequência disso, não haver a retomada do relacionamento do ponto em que houve o distanciamento; além disso, a ausência de alguns lugares causa ao personagem a falta de pertencimento, e ele toma conhecimento que o mundo continuou mesmo com o seu desaparecimento. Gonçalves e Bittar (2016) discorrem que o luto se dá devido a perda de algo ou alguém; isso dialoga com a definição de luto simbólico que é definida por Beserra, Reis e Monteiro (2018) cuja teoria defende que o luto simbólico é um luto voltado a perdas amorosas, interpessoais e corpóreas, que se encaixam na vivência de Jesse, que não continuou casado e teve a perda de um membro.

Em suma, as personagens dentro na narrativa vivenciam o luto ainda que o processem de maneiras divergentes, na carta de Emma, ela escreve que não sabe se existe um jeito certo de experimentar o luto, mas perder Jesse a fez sentir um vazio e uma dor inimagináveis. Emma sofre uma perda concreta, mesmo que não seja permanente, ao passo que Jesse enfrenta uma perda simbólica. Contudo, o luto de Emma é mais explorado ao longo da narrativa por se tratar da narradora-personagem; ainda assim, há um vislumbre da profundidade dos sentimentos de Jesse e de outros personagens, como sua sogra e seu sogro.

Em *Amor(es) Verdadeiro(s)*, Emma, Jesse e seus familiares são atravessados por ausências várias. Enquanto Emma enfrenta a materialidade da notícia da morte do ser amado, que paralisa, esvazia e requer uma jornada laboriosa de ressignificação, Jesse confronta um luto silencioso, marcado pelo deslocamento, pela solidão e pela constatação de que o mundo seguiu sem ele. Na narração de Emma, escrever sobre o sofrimento também é uma forma de elaborar a dor. As personagens, em suas

multidimensionalidades, estão tentando reconstruir sentido perante o irrecuperável. O luto, portanto, é representado como uma experiência transformadora sob diversos prismas que convergem à conclusão de que seguir adiante não significa esquecer, mas (re)aprender a existir apesar da perda.

Referências

ALEXIUS, Lourdes Vivian; ALVES, Lourdes Kaminski; FORTES, Rita das Graças Félix. Um olhar sobre a morte na literatura moderna e pós-moderna. *Revista Tecnologia & Humanismo*, v. 22, n. 34, p. 120-126, 2008.

BARTHES, Roland. *Diário de luto*. 26 de outubro 1977 – 17 de setembro de 1979. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Col. Roland Barthes)

BESERRA, Carlos Vitor Albuquerque Esmeraldo; REIS, Carlos Eduardo Soares; MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles. O Luto Simbólico nas relações de amor líquido. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 8, n. 17, 21 Set 2018 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/7815>. Acesso em: 30 out 2025.

BOSS, Pauline. *Ambiguous loss: Learning to live with unresolved grief*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

CARNAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZARI, Claudia Camargo; CUNHA, Samai Alcira. Luto em situações de morte inesperada. Juiz de Fora, *Revista Psique*, 2016, v.1. Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/psq/article/download/945/724> Acesso em: 02 de jan de 2026.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GIL, Antonio Carlos. *Pesquisa qualitativa básica*. Petrópolis: Vozes, 2025.

GONÇALVES, Paulo Cesar; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Estratégias de enfrentamento no luto. *Mudanças-Psicologia da saúde*, v. 24, n. 1, p. 39-44, 2016.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

PARKES, Colin Murray. *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus editorial, 2023.

REID, Taylor Jenkins. *Amor(es) verdadeiro(s)*. São Paulo: Paralela, 2020.

SILVA, Henrique Salmazo da et al. As representações da morte e do luto no ciclo de vida. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 15, p. 185-206, 2012.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. The dual process model of coping with bereavement: A decade on. *OMEGA-journal of Death and Dying*, v. 61, n. 4, p. 273-289, 2010.

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. Hamlet: sofrimento, luto e as influências nas subjetividades. *As paixões segundo Shakespeare*: ontem, hoje, sempre. Rio de Janeiro: Revista Cinema, 2017. p. 9-17.

VIANNA, Alexandra de Gouvêa. *Do luto impossível ao magnífico festival para o eu: a recusa melancólica e suas implicações*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/70.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

Recebido em 18/10/2025

Aceito em 03/12/2025